



Eis o homem.

Sai aos tropeços do pátio do Clappison's, chega à Sykes Street e fareja o ar complexo — terebintina, farinha de peixe, mostarda, grafite, o fedor costumeiro e penetrante do mijo matinal que acabam de derramar dos potes. Bufa, esfrega os cabelos desgrenhados e ajeita a virilha. Cheira os dedos e depois os chupa um por um, extraindo os resquícios, tirando um último proveito do dinheiro gasto. No final da Charterhouse Lane, vira na Wincolmlee no sentido norte e passa pela Taverna De La Pole, pela fábrica de velas de espermacete e pela processadora de oleaginosas. Enxerga os mastros grandes e de mezena que balançam acima dos telhados dos armazéns e escuta os gritos dos estivadores e as pancadas de marreta na fábrica de barris das imediações. Seu ombro raspa nos tijolos vermelhos e desgastados, um cachorro passa correndo, depois uma carroça carregando uma pilha de toras para fazer lenha. Inspira o ar novamente e passa a língua pelos bastiões desnivelados dos dentes. Sente brotar por dentro uma urgência ainda tenra, pequena, porém insistente, uma nova exigência que clama por ser atendida. Seu navio parte ao raiar do dia, mas há algo que precisa ser feito antes disso. Olha em volta por um instante, pensando no que esse algo poderia ser. Repara no aroma rosado de sangue que vem do abatedouro de suínos e no balanço das saias encardidas de uma mulher. Pensa em carne, animal, humana, mas depois muda de ideia — não é esse tipo de anseio, ele decide, não ainda; é o outro tipo, mais brando, menos urgente.

Dá meia-volta e refaz o caminho até a taverna. O balcão está quase vazio a essa hora da manhã. Há um fogo baixo na grelha e um cheiro de fritura. Remexe no bolso, mas só encontra

migalhas de pão, um canivete e uma moeda de meio *penny*.

“Rum.”

Empurra a única moedinha por cima do balcão. O barman olha a moeda e balança a cabeça.

“Vou partir de manhã cedo”, explica, “no *Volunteer*. Posso mostrar minha nota promissória.”

O barman dá uma risada desdenhosa.

“Acha que sou otário?”, ele diz.

O homem dá de ombros e pensa um pouco.

“Cara ou coroa, então. Essa minha faca de boa qualidade contra um dedo de rum.”

Põe o canivete no balcão, e o barman o apanha e examina de perto. Ele abre a lâmina e testa o fio no gomo do polegar.

“É uma faca das boas, essa daí”, diz o homem. “Nunca me deixou na mão.”

O barman tira um xelim do bolso e o exhibe por um instante. Depois joga a moeda para o alto e a imobiliza com uma palmada forte no balcão. Os dois conferem o resultado. O barman faz um sinal com o queixo, pega o canivete e o guarda no bolso do colete.

“E agora vê se vai à merda”, ele diz.

A expressão do homem não se altera. Não mostra nenhum sinal de irritação ou surpresa. É como se perder o canivete fizesse parte de um plano maior e mais complexo, ao qual ninguém mais tem acesso. Momentos depois o homem se curva, remove as botas de marinheiro e as põe em cima do balcão.

“Joga outra vez”, diz.

O barman revira os olhos e lhe dá as costas.

“Não quero essas botas de merda”, ele diz.

“Você ficou com a minha faca”, diz o homem. “Não pode desistir agora.”

“Não quero merda de bota nenhuma”, o barman repete.

“Não pode desistir.”

“Faço o que eu bem entender”, diz o barman.

Um *shetlander* está encostado na outra ponta do bar, observando. Ele está usando um gorro e bombachas de lona

incrustadas de sujeira. Seus olhos estão vermelhos, caídos e bêbados.

“Te pago uma bebida do meu bolso”, diz o *shetlander*, “se calar a maldita boca.”

O homem o encara. Já brigou com *shetlanders* antes, em Lerwick e em Peterhead. Não são lutadores inteligentes, mas são teimosos e difíceis de derrubar. Esse traz no cinto uma faca enferrujada de cortar gordura de baleia e tem um ar petulante e encrenqueiro. Após uma breve pausa, o homem assente com a cabeça.

“Ficaria agradecido”, diz. “Passei a noite nos puteiros e a garganta secou.”

O *shetlander* acena para o barman, e este, fazendo questão de mostrar relutância, serve mais uma dose. O homem recolhe suas botas do balcão, pega a bebida e vai até um banco próximo ao fogo. Após alguns minutos se deita, encolhe os joelhos no peito e adormece. Quando acorda de novo, o *shetlander* está acomodado numa mesa do canto da taverna, conversando com uma prostituta. Ela é morena e gorda, e tem a pele manchada e dentes esverdeados. O homem a reconhece, mas não lembra seu nome. Betty?, ele se pergunta. Hatty? Esther?

O *shetlander* chama um menino negro que está agachado ao lado da porta, entrega-lhe uma moeda e manda que busque um prato de mexilhões no peixeiro da Bourne Street. O menino tem nove ou dez anos, é mirrado, com olhos grandes e pretos e a pele parda. O homem se ajeita no banco e abastece o cachimbo com os últimos farelos de tabaco. Acende o cachimbo e olha em volta. Acordou renovado e disposto. Pode sentir os músculos em repouso sob a pele, o coração se contraindo e relaxando dentro do peito. O *shetlander* tenta beijar a mulher mas ela o repele com um guincho avarento. *Hester*, o homem se lembra. O nome da mulher é Hester, ela tem um quarto sem janelas na James Square, equipado com uma cama de ferro, um jarro, uma bacia e um bulbo de borracha para lavar esporro. Levanta e vai andando até perto dos dois.

“Me paga mais uma dose”, diz.

O *shetlander* olha de canto, balança a cabeça e volta a dar atenção a Hester.

“Só mais uma dose e fim de conversa.”

O *shetlander* o ignora, mas o homem não se move. Tem uma paciência bobalhona e desaforada. Sente o coração inchar e encolher enquanto aprecia o cheiro comum às tavernas — peidos, fumaça de cachimbo, cerveja derramada. Hester olha para ele e dá uma risadinha. Seus dentes estão mais cinzentos que nunca; sua língua adquiriu a cor de um fígado de porco. O *shetlander* retira a faca de cortar gordura de baleia do cinto e a põe sobre a mesa. Depois se levanta.

“Prefiro cortar fora as suas bolas do que te pagar outra bebida”, ele diz.

O *shetlander* é magro e tem uma postura relaxada. Seus cabelos e sua barba estão impregnados de gordura de foca e ele exala os fedores de um castelo da proa. Agora o homem começa a entender o que deve fazer — começa a perceber a natureza dos anseios que traz em si, a entrever os contornos gerais de sua consumação. Hester dá outra risadinha. O *shetlander* pega a faca e encosta a lâmina fria na bochecha do homem.

“Também posso cortar fora essa bosta desse nariz e dar pros porcos lá atrás.”

Ele ri disso, e Hester ri com ele.

O homem não parece abalado. Esse ainda não é o momento que aguarda. É apenas um interlúdio maçante, porém necessário, uma pausa. O barman pega um porrete e abre a porta rangente que dá acesso ao balcão.

“Você”, ele diz, apontando para o homem, “é um vagabundo de merda e um mentiroso, e quero que suma daqui.”

O homem consulta o relógio de parede. Passa um pouco do meio-dia. Tem dezesseis horas para fazer seja lá o que precisa fazer. Para se satisfazer de novo. O clamor que sente é o corpo dizendo do que precisa, conversando com ele — às vezes é um sussurro, às vezes um murmúrio, às vezes um berro. O corpo nunca se cala; quando se calar, o homem saberá que finalmente morreu, que algum outro desgraçado finalmente o matou e nada

resta a fazer.

Dá um passo repentino na direção do *shetlander*, para que ele saiba que não tem medo, e depois recua. Vira-se para o barman e levanta o queixo.

“Pode enfiar esse cajado no cu”, diz.

O barman indica a porta. Quando o homem está saindo, o menino chega trazendo um prato de metal cheio de mexilhões fumegantes e aromáticos. Eles trocam um olhar ligeiro e o homem sente sua convicção pulsando outra vez.

Volta caminhando pela Sykes Street. Não pensa no *Volunteer*, que ele passou a semana anterior preparando e carregando, e que agora repousa nas docas, nem na sangrenta viagem de seis meses que terá pela frente. Pensa apenas no momento presente — Grotto Square, os Banhos Turcos, a casa de leilões, a fábrica de cordas, as pedras do calçamento sob os pés, o céu indiferente de Yorkshire. Não é, por natureza, impaciente ou inquieto; quando é necessário esperar, espera. Encontra um muro e senta em cima dele; quando sente fome, chupa uma pedra. As horas passam. Os transeuntes reparam na sua presença, mas não arriscam uma conversa. O momento logo chegará. Observa as sombras se alongando, a chuva chega e vai embora em seguida, as nuvens estremecem no céu ensopado. A tarde está quase terminando quando, até que enfim, os avista. Hester está cantando uma balada; o *shetlander* a conduz desajeitadamente com uma das mãos e segura uma garrafa de grogue com a outra. Vê os dois entrarem na Hodgson's Square. Espera um pouco, depois sai às pressas e vira na Caroline Street. Ainda não é noite, mas conclui que já está escuro o suficiente. As janelas do Tabernáculo estão acesas; o ar carrega um cheiro de poeira de carvão e de miúdos. Alcança Fiche's Alley antes deles e se esgueira beco adentro. O pátio está vazio, exceto por um varal de roupas encardidas e pelo cheiro agudo e amoníaco de mijo de cavalo. Fica de costas para uma porta escura, com um pedaço de tijolo na mão. Quando Hester e o *shetlander* entram no pátio, aguarda um instante para ter certeza e então dá um passo à frente e golpeia o *shetlander* com força atrás da cabeça.

O osso cede com facilidade. O sangue esguicha fino e se ouve um barulho como o de um graveto verde se quebrando. O *shetlander* tomba para a frente, atordado, e seu nariz e seus dentes se espatifam no calçamento de pedra. Antes que Hester possa gritar, o homem já está com a faca de gordura de baleia em sua garganta.

“Vou te abrir no meio como um bacalhau”, promete.

Ela o encara com olhos desvairados e leva ao alto as mãos emporcalhadas.

Esvazia os bolsos do *shetlander*, fica com seu dinheiro e tabaco e se desfaz do resto. Há uma auréola de sangue se expandindo em torno do rosto e da cabeça do *shetlander*, mas ele ainda respira de leve.

“Temos que tirar esse desgraçado daqui agora”, diz Hester, “ou vou me danar.”

“Então tire”, diz o homem. Sente-se um pouco mais leve do que há pouco, como se o mundo a seu redor tivesse se alargado.

Hester tenta arrastar o *shetlander* pelo braço, mas ele é pesado demais. Ela escorrega no sangue e cai no chão. Ri sozinha e depois começa a gemer. O homem abre a porta do depósito de carvão e arrasta o *shetlander* para dentro pelos calcanhares.

“Podem encontrar ele amanhã”, diz. “Estarei longe daqui.”

Ela se coloca em pé, ainda tonta de bebida, e tenta inutilmente limpar a lama da saia. O homem vira-lhe as costas e vai embora.

“Não teria uns xelins pra me dar, querido?”, Hester grita. “Pela incomodação.”

Leva uma hora até rastrear o menino. Seu nome é Albert Stubbs, ele dorme em uma galeria de tijolos embaixo da ponte norte e sobrevive à base de ossos, cascas de vegetais e das moedinhas que ganha aqui e ali fazendo favores para os bêbados que se reúnem nas tavernas infectas do porto à espera de um navio.

O homem lhe oferece comida. Mostra o dinheiro que roubou do *shetlander*.

“Escolha o que quer comer”, diz, “e eu compro pra você.”

O menino o encara sem dizer nada, como um animal surpreendido na toca. O homem repara que ele não desprende cheiro algum — no meio de toda essa imundície, ele de algum modo permaneceu limpo, imaculado, como se sua pigmentação naturalmente escura fosse uma proteção contra o pecado, e não, como acreditam certos homens, uma expressão natural dele.

“Você é uma coisa rara de ver”, o homem lhe diz.

O menino pede rum e o homem tira uma garrafinha grudada do bolso e lhe entrega. À medida que bebe o rum, o menino vai ficando com os olhos embaçados e sua relutância começa a ceder.

“Meu nome é Henry Drax”, o homem explica com toda a suavidade de que é capaz. “Sou arpoador. Embarco de manhã cedo no *Volunteer*.”

O menino acena com a cabeça, sem interesse, como se estivesse ciente dessa informação há muito tempo. Seus cabelos são mofados e opacos, mas a pele é sobrenaturalmente lustrosa. Ela brilha na claridade baça do luar como teca polida. O menino está descalço e o contato com o pavimento deixou as solas de seus pés pretas e calejadas. Drax sente o ímpeto de tocá-lo — no rosto, quem sabe, ou no canto do ombro. Seria um sinal, pensa, uma maneira de começar.

“Eu te vi na taverna”, diz o menino. “Lá você não tinha dinheiro.”

“Minha situação se alterou”, explica Drax.

O menino assente de novo e bebe mais rum. Talvez esteja lá para os doze anos, pensa Drax, mas é raquítico, como tantos outros. Estende a mão e afasta a garrafinha da boca do menino.

“Você deveria comer alguma coisa”, diz. “Venha comigo.”

Eles caminham juntos, em silêncio, pelas ruas Wincolmlee e Sculcoates, passam na frente do Whalebone Inn e das madeireiras. Entram na padaria do Fletcher, e Drax espera enquanto o menino devora uma torta de carne.

Ao terminar de comer o menino limpa a boca com a mão, puxa o catarro do fundo da garganta e escarra na sarjeta. De repente ele parece mais velho que antes.



“Conheço um lugar aonde podemos ir”, diz o menino, apontando para o outro lado da rua. “Bem ali, olha, passando o estaleiro.”

Drax percebe na mesma hora que deve ser uma armadilha. Se for ao estaleiro com o negrinho, será espancado e depenado como um pobre-diabo. Surpreende que o menino o tenha subestimado a esse ponto. Sente, em primeiro lugar, desprezo pela falta de juízo do menino, mas logo em seguida, trazendo uma sensação bem mais agradável, como a de uma nova ideia assomando e estremecendo, a fúria começa a despontar.

“Sou eu que fodo com os outros, eu”, diz para o menino com uma voz suave. “Ninguém fode comigo.”

“Sei disso”, diz o menino. “Entendi.”

O outro lado da rua está imerso em sombras. Há um portão de madeira de três metros com a tinta verde descascando, um muro de tijolos e depois um beco cheio de entulho. Não há luz no interior do beco, e só se ouvem as botas de Drax esmagando o chão e os chiados intermitentes e tuberculosos do menino. A lua amarela está entalada como um bolo alimentar na garganta estreita do céu. Um minuto depois, chegam a um pátio parcialmente coberto por barris quebrados e peças enferrujadas.

“É por ali”, diz o menino. “Estamos quase lá.”

O rosto dele denuncia um entusiasmo suspeito. Se Drax ainda tinha alguma dúvida, ela agora desapareceu.

“Vem cá”, diz ao menino.

O menino faz uma cara fechada e aponta de novo a direção que devem seguir. Drax imagina quantos comparsas do menino aguardam a sua chegada no estaleiro e que tipo de arma pretendem usar contra ele. Será, pensa consigo mesmo, que ele realmente aparenta ser o tipo de paspalho indefeso que pode ser assaltado por crianças? É essa a impressão que transmite ao mundo naquele momento?

“Vem cá”, repete.

O menino faz que não é com ele e segue em frente.

“Vamos fazer agora”, fala Drax. “Aqui e agora. Não vou esperar.”

O menino para e balança a cabeça.

“Não”, ele diz. “No estaleiro é melhor.”

A penumbra do pátio o aperfeiçoa, pensa Drax, abrandando os seus encantos, resultando numa beleza algo acabrunhada. Parado ali, ele parece um ídolo pagão, um totem esculpido em ébano, nem tanto um menino, mas o ideal exagerado de um menino.

“Que tipo de otário você pensa que eu sou?”, pergunta Drax.

O menino fecha a cara, mas em seguida abre um sorriso cativante e implausível. Nada disso é novo, pensa Drax, tudo já foi feito antes, e tudo será feito de novo em outros lugares e outras épocas. O corpo tem seus padrões enfadonhos, suas regularidades: alimentação, limpeza, esvaziamento dos intestinos.

O menino encosta de leve no seu cotovelo e indica mais uma vez a direção que gostaria que seguissem. O estaleiro. A armadilha. Drax escuta uma gaivota gritando acima, repara no cheiro palpável de betume e tinta a óleo e na amplidão sideral da Ursa Maior. Agarra o menino negro pelos cabelos e lhe dá um soco, e depois continua socando — duas, três, quatro vezes, rápido, sem hesitação nem compungimento — até que seus punhos estejam quentes e escuros de sangue e o menino desabe, mole e inconsciente. Ele é magro e esquelético, não pesa mais que um terrier. Drax o vira de barriga para baixo e puxa suas calças. Não há prazer no ato, tampouco alívio, uma constatação que só agrava a sua ferocidade. Drax foi privado de algo vivo, algo inominável, porém real.

Nuvens de chumbo e estanho obstruem a lua quase cheia; ouve-se o estardalhaço das rodas de carroça revestidas de ferro e o gemido infantil de uma gata no cio. Drax procede sem cerimônia: uma ação depois da outra, indiferente e precisa, maquinal, mas não mecânica. Permanece agarrado ao mundo como um cachorro mordendo um osso — nada lhe é obscuro, nada é alheio a seus apetites ferozes e sombrios. O que o menino negro era até momentos antes já desapareceu. Perdeu-se por completo, e uma outra coisa, totalmente diversa, apareceu no lugar. O pátio é agora o reduto de uma magia torpe, de

transmutações sanguinolentas, e Henry Drax é seu artífice selvagem e profano.

Brownlee se considera, depois de trinta anos no tombadilho, um avaliador competente do caráter humano, mas esse sujeito novo, Sumner, esse médico irlandês que acaba de chegar do conflito no Punjab, é um caso dos mais complexos. Ele é baixo e sem traços marcantes, tem um olhar de perplexidade que incomoda, uma perna manca que não ajuda, e fala uma versão boçal e barbaramente deturpada da língua inglesa; ainda assim, apesar dessas óbvias e numerosas deficiências, Brownlee tem a sensação de que ele vai servir. Há algo precisamente ali, na falta de jeito e na indiferença do rapaz, na sua capacidade e disposição para *não* agradar, que Brownlee, talvez lembrando de como ele próprio era numa fase mais jovem e despreocupada da vida, acha estranhamente cativante.

“E aí, qual é a história por trás dessa perna?”, pergunta Brownlee, dobrando o próprio tornozelo como incentivo. Eles estão sentados na cabine do capitão no *Volunteer*, bebendo conhaque e revisando detalhes da viagem que terão pela frente.

“Uma bala de mosquete de um sipaio”, explica Sumner. “Minha tibia estava no caminho dela.”

“Isso foi em Déli? Depois do cerco?”

Sumner assente.

“No primeiro dia do ataque, perto do Portão da Caxemira.”

Brownlee revira os olhos e solta um assobio grave, mostrando aprovação.

“Você viu Nicholson ser atingido?”

“Não, mas vi o corpo dele mais tarde, quando já estava morto. No alto da montanha.”

“Um homem extraordinário, Nicholson. Um grande herói. Dizem que os pretos o idolatravam como um deus.”

Sumner dá de ombros.

“Ele tinha um guarda-costas pachto. Um filho da puta enorme, chamado Khan. Dormia no lado de fora da barraca para defendê-lo. Corria o boato de que eram namoradinhos.”

Brownlee balança a cabeça e sorri. Ele leu tudo a respeito de Nicholson no *Times* de Londres: que marchava com seus homens no calor mais desumano sem jamais pedir água ou verter uma gota de suor, que certa vez partiu ao meio um sipaio rebelde com um único golpe de sua tremenda espada. Sem homens como Nicholson — implacáveis, severos, cruéis quando necessário —, o império, acreditava Brownlee, já estaria completamente perdido há muito tempo. E, sem o império, quem compraria o óleo, quem compraria a barbatana de baleia?

“Inveja”, ele diz. “Amargura e nada mais. Nicholson é um grande herói, um pouquinho selvagem, às vezes, pelo que ouvi dizer, mas o que se poderia esperar?”

“Vi ele enforcar um homem somente por ter sorrido para ele, e o pobre coitado nem tinha sorrido.”

“Limites precisam ser colocados, Sumner”, diz Brownlee. “Padrões civilizatórios precisam ser mantidos. Às vezes é necessário combater fogo com fogo. Os pretos mataram mulheres e crianças, afinal, estupraram, cortaram a gargantinha delas. Uma coisa dessas exige vingança à altura.”

Sumner concorda com a cabeça e desvia o olhar para suas calças pretas com os joelhos desbotados e suas botas curtas que não são engraxadas há muito tempo. Brownlee se pergunta se o seu novo médico é um cínico ou um sentimental, ou (seria possível?) um pouco de cada.

“Ah, se tem algo que não faltou, foi isso”, diz Sumner, voltando a encarar o outro com um meio sorriso, “uma boa dose de vingança à altura. Nenhuma dúvida.”

“Mas, me diga, por que foi embora da Índia?”, pergunta Brownlee, se reacomodando no banco estofado. “Por que abandonou o Sexagésimo Primeiro? Não foi por causa da perna?”

“Não foi por causa da perna, por Deus, não. Eles adoravam a perna.”

“Então por quê?”

“Tirei a sorte. Seis meses atrás, meu tio Donal morreu do nada e me deixou uma fazenda de laticínios em Mayo — vinte hectares, vacas, uma fábrica de derivados. Vale pelo menos mil guinéus, provavelmente mais, com certeza o suficiente para que eu compre uma casinha bonita nos condados e um consultório de respeito em algum lugar sossegado e rico: Bognor, Hastings, ou até em Scarborough. Aprecio a brisa marinha, sabe, e me agrada um calçadão à beira-mar.”

Brownlee duvida que as boas viúvas de Scarborough, Bognor ou Hastings realmente gostariam de deixar seus males aos cuidados de um zé-povinho baixote e pernetas, mas se priva de expressar essa opinião.

“Então o que está fazendo sentado aqui comigo”, pergunta em vez disso, “num navio baleeiro rumo à Groenlândia? Logo você, um famoso proprietário de terras irlandês.”

Sumner reage ao sarcasmo com um sorriso, coça o nariz, deixa passar.

“Há complicações judiciais com a propriedade. Primos misteriosos saíram das sombras, reclamantes.”

Brownlee suspira em solidariedade.

“É sempre a mesma coisa”, diz.

“Me disseram que o caso pode levar um ano para ser resolvido, e até lá não tenho muito o que fazer, e muito menos dinheiro para fazer qualquer coisa. Estava passando por Liverpool, voltando após uma reunião com os advogados em Dublin, e conheci o sr. Baxter no bar do Adelphi Hotel. Começamos a conversar, e quando ele ficou sabendo que eu tinha sido médico do exército e precisava de um trabalho que pagasse bem, ele fez os cálculos e viu que a conta fechava.”

“Esse Baxter é um empresário dos mais astutos”, diz Brownlee, com os olhos brilhando de satisfação. “Pessoalmente, não confio naquele canalha. Acredito que ele tem alguma parte de sangue hebraico correndo naquelas veias atrofiadas.”

“Os termos que ele me propôs pareceram aceitáveis. Não espero que a caça à baleia me traga riqueza, capitão, mas pelo

menos ela me manterá ocupado enquanto as engrenagens da justiça rangem.”

Brownlee torce o nariz.

“Ah, vamos manter você ocupado de uma forma ou de outra”, diz. “Para quem quer trabalhar, trabalho não falta.”

Sumner assente, bebe o resto do conhaque e devolve o copo à mesa com uma pancada leve. O lampião a óleo que pende do teto de madeira escura permanece apagado, mas as sombras nos cantos da cabine se aprofundam e se alastram à medida que a luz externa começa a baixar e o sol se perde de vista por trás da comoção de ferro e tijolos das chaminés e dos telhados.

“Estou às suas ordens, senhor”, diz Sumner.

Brownlee fica pensando no que isso significa, mas logo conclui que não significa nada. Baxter não tem o hábito de entregar segredos. Se escolheu Sumner por algum motivo específico (além dos óbvios: baixo custo e disponibilidade), é provável que tenha a ver apenas como fato de o irlandês ser tranquilo e sugestionável, e de evidentemente estar com a cabeça ocupada por outros assuntos.

“Em regra, não são necessários muitos cuidados médicos num baleeiro, a meu ver. Quando os homens ficam doentes, ou acabam melhorando sozinhos, ou se recolhem por conta própria e morrem — é a minha experiência, pelo menos. As poções não fazem muita diferença.”

Sumner levanta uma sobrancelha, mas não parece atingido pelo desdém gratuito à sua profissão.

“Preciso examinar a maleta de remédios”, diz, sem muito entusiasmo. “Pode ser que precise acrescentar ou substituir alguns itens antes de partirmos.”

“O baú está guardado na sua cabine. Há um farmacêutico na Clifford Street, ao lado da sede da maçonaria. Pegue o que precisar e diga para enviarem a conta ao sr. Baxter.”

Os dois levantam da mesa. Sumner estende a mão e Brownlee dá um aperto rápido. Um fita o outro por um instante, como se esperassem obter a resposta para uma pergunta secreta que, por receio ou precaução, não fazem em voz alta.

“Baxter não vai gostar muito disso, imagino”, Sumner enfim diz.

“Baxter que se dane”, diz Brownlee.

Meia hora mais tarde, Sumner senta no beliche com as costas curvadas e lambe a ponta do toco de lápis. Sua cabine tem as dimensões do mausoléu de um bebê e, mesmo antes de a viagem começar, já está contaminada por um cheiro azedo e vagamente fecal. Ele examina com desconfiança a maleta de remédios e começa a anotar sua lista de compras: *chifre de cervo*, escreve, *sais de Glauber*, *Essência de Alvarrã*. De vez em quando, destampa um frasco e aspira seu conteúdo ressequido. Nunca ouviu falar de metade das coisas ali: Tragacanto? Guaiaco? Essência Londrina? Não admira que Brownlee pense que as “poções” não funcionam: a maior parte dessa merda é shakespeariana. Será que o médico anterior era alguma espécie de druida? *Láudano*, ele escreve sob a luz ovoide de um lampião de gordura, *absinto*, *pílulas de ópio*, *mercúrio*. Haverá muita gonorreia na tripulação de um baleeiro?, ele se pergunta. Talvez não, já que é quase certo que as putas do Círculo Polar Ártico podem ser contadas nos dedos. A julgar pela quantidade de sais de Epsom e de óleo de rícino que já se encontram no baú, contudo, a constipação deve ser um problema considerável. Os bisturis, percebe, são antigos e estão todos enferrujados e sem fio. Precisarão afiá-los antes de iniciar qualquer sangria. Provavelmente foi uma boa ideia ter trazido seus próprios bisturis e uma serra cirúrgica não muito usada.

Um pouco depois, fecha a maleta de remédios e a empurra de novo para debaixo da cama, onde divide espaço com o baú de ferro gasto que ainda leva consigo desde os tempos da Índia. Num hábito automático, e sem olhar para baixo, Sumner balança o cadeado do baú e apalpa o bolso do colete para verificar que ainda está com a chave. Tranquilizado, ele levanta, sai da cabine e sobe a escada estreita que leva ao convés. Prevalece um odor de verniz, lascas de madeira e fumaça de cachimbo. Barris de carne de gado e feixes de aduelas estão sendo transportados com



a ajuda de cordas para dentro do porão de carga da proa, alguém está pregando o telhado da cozinha, e vários marujos estão trepados no cordame, balançando baldes de piche. Um vira-latas passeia por perto e estanca de repente para se lambar. Sumner se detém ao lado do mastro de mezena e observa o cais. Não reconhece nenhuma pessoa que está ali. O mundo é enorme, pensa consigo mesmo, e ele não passa de um ponto minúsculo e insignificante, algo que pode desaparecer e ficar esquecido para sempre. Esse pensamento, que todos costumam achar desagradável, agora o agrada. Seu plano é se dissolver, se dissipar, e somente depois, mais tarde, se recompor. Desce a prancha de portaló e segue até o farmacêutico da Clifford Street, a quem entrega sua lista. O farmacêutico, que é careca, pálido e banguela, examina a lista e depois ergue os olhos.

“Não tá certo”, ele diz. “Não para uma viagem de caça à baleia. Tem coisa demais.”

“Baxter vai pagar tudo. Pode enviar a fatura diretamente a ele.”

“Baxter viu essa lista?”

A loja é escura e os linimentos dão à atmosfera amarronzada uma qualidade espessa e sulfurosa. O careca tem as pontas dos dedos manchadas com o laranja vivo de alguma substância química e suas unhas são curvas e pontudas; por baixo das mangas arregaçadas, Sumner vê as bordas azuladas de uma velha tatuagem.

“Acha mesmo que eu incomodaria Baxter com algo assim?”, diz Sumner.

“Ele vai se sentir incomodado quando ver essa merda dessa fatura. Conheço Baxter, ele é um mão-de-vaca desgraçado.”

“Apenas me dê o que estou pedindo”, diz Sumner.

O homem balança a cabeça e esfrega as mãos no avental manchado.

“Não posso dar tudo isso aqui”, ele diz, apontando o papel sobre o balcão. “Nem isso. Se der, não serei pago. Vou dar a quantia usual de cada, não mais que isso.”

Sumner se inclina para a frente. O balcão liso esmaga sua

barriga.

“Acabo de voltar das colônias”, explica, “de Déli.”

O careca reage à informação com desinteresse, enfia o indicador na orelha direita e o gira ruidosamente.

“Posso te vender uma bengala de bétula de boa qualidade para essa perna aí”, ele diz. “Castão de marfim ou dente de baleia, o que preferir.”

Sem responder, Sumner se afasta do balcão e começa a olhar a loja, como se de uma hora para a outra tivesse tempo de sobra à disposição e nada muito interessante a fazer. As paredes laterais estão abarrotadas com frascos, garrafas e tubos de toda espécie, repletos de líquidos, unguentos e pós. Atrás do balcão há um grande espelho amarelado que reflete o dorso da careca do farmacêutico. Num dos lados do espelho há uma série de gavetas de madeira quadradas, cada qual com sua etiqueta de identificação e um puxador de metal no meio, e no outro lado há uma sequência de prateleiras que formam um mostruário de animais empalhados, dispostos em variadas poses melodramáticas e de luta. Há uma coruja-das-torres prestes a devorar um rato, um texugo em eterna batalha com um furão, um gibão laocoonteano sendo estrangulado por uma cobra.

“Foi você que fez todos eles?”, Sumner pergunta.

O homem aguarda um momento antes de acenar com a cabeça, confirmando.

“Sou o melhor taxidermista da cidade”, ele diz. “Pode perguntar por aí.”

“E qual o maior animal que já empalhou? O maior de todos, quero dizer. Diga a verdade.”

“Já fiz uma morsa”, o careca diz, como quem não quer nada. “Já fiz um urso-polar. Eles trazem coisas assim nos navios que vão à Groenlândia.”

“Você empalhou um urso-polar?”, pergunta Sumner.

“Empalhei.”

“Porra, um *urso*”, Sumner repete, agora sorrindo. “Aí está algo que eu gostaria de ver.”

“Fiz ele em pé nas patas traseiras”, diz o careca, “com as

garras mortíferas rasgando o ar gelado, assim.” Ele leva ao alto as mãos alaranjadas e arreganha o rosto como se estivesse rosnando. “Fiz pro Firbank, o cretino cheio da grana que mora naquele casarão na Charlotte Street. Acho que o urso continua lá no grande salão de entrada, ao lado do cabideiro de dente de baleia.”

“E você seria capaz de empalhar uma baleia?”, pergunta Sumner.

O homem balança a cabeça e ri com a ideia.

“Não se pode empalhar uma baleia”, ele diz. “Além do tamanho, que torna o trabalho impossível, elas apodrecem rápido demais. De todo modo, que homem em sã consciência ia querer uma baleia empalhada?”

Sumner assente e sorri de novo. O careca continua pensando naquilo e não consegue prender o riso.

“Já fiz uma porção de lúcios”, ele prossegue, envaidecido. “Muitas lontras. Teve uma vez que trouxeram um ornitorrinco.”

“E se trocássemos os nomes?”, diz Sumner. “Na fatura? Diga que é absinto. Diga que é calomelano, se quiser.”

“Já temos calomelano na lista.”

“Absinto, então, podemos dizer que é absinto.”

“Podemos dizer que é vitríolo azul”, sugere o homem. “Alguns médicos levam uma boa quantidade disso.”

“Diga que é vitríolo azul, então, e que o outro é absinto.”

O homem faz um sinal afirmativo com a cabeça e realiza um rápido cálculo mental.

“Um frasco de absinto”, diz, “e três onças de vitríolo vão dar conta disso.” Ele se vira e começa a abrir gavetas e a retirar frascos das prateleiras. Sumner inclina-se sobre o balcão e observa enquanto o homem pesa, peneira e mói os medicamentos e tampa os frascos.

“Você já embarcou em algum navio?”, Sumner pergunta. “Para caçar baleias?”

O farmacêutico balança a cabeça sem tirar os olhos do trabalho.

“O comércio na Groenlândia é perigoso”, ele diz. “Prefiro

ficar em casa, onde é quentinho e seco, e onde o risco de uma morte violenta é reduzido.”

“Você é um sujeito sensato, então.”

“Sou cauteloso, só isso. Já vi coisas.”

“Você é uma pessoa afortunada, eu diria”, retruca Sumner, olhando outra vez para a loja à sua volta. “Afortunada por ter tanta coisa a perder.”

O homem levanta a cabeça e o encara para verificar se está sendo alvo de chacota, mas a expressão no rosto de Sumner é de pura sinceridade.

“Não é tanto assim”, ele diz, “comparado a outros.”

“É alguma coisa.”

O farmacêutico assente, amarra o embrulho com um barbante e o empurra sobre o balcão.

“O *Volunteer* é uma boa embarcação”, ele diz. “Sabe se achar no meio dos campos de gelo.”

“E Brownlee? Ouvi dizer que é azarado.”

“Baxter confia nele.”

“É verdade”, diz Sumner, pegando o embrulho, colocando debaixo do braço e se curvando para assinar o recibo. “E o que podemos dizer do sr. Baxter?”

“Podemos dizer que é rico”, responde o farmacêutico, “e por essas bandas não é comum que um homem enriqueça sendo um idiota.”

Sumner sorri e se despede com um rápido aceno de cabeça.

“Amém”, diz.

Começou a chover, e um aroma fresco e ameno se sobrepõe ao cheiro residual de esterco de cavalo e da carne no açougue. Em vez de voltar para o *Volunteer*, Sumner vira à esquerda e encontra uma taverna. Pede uma dose de rum e leva o copo para uma pequena sala contígua, imunda, com uma lareira apagada e uma vista desagradável do pátio adjacente. Não há mais ninguém sentado ali. Ele desamarra o embrulho do farmacêutico, pega um dos frascos e derrama metade do conteúdo no copo. O rum escuro escurece ainda mais. Sumner inspira, fecha os olhos e

bebe a mistura de um gole só.

Talvez ele esteja livre, pensa enquanto aguarda que a droga comece a fazer efeito. Talvez essa seja a melhor maneira de compreender a sua situação atual. Depois de tudo que o acometeu: traição, humilhação, pobreza, desonra; a morte dos pais, por tifo; a morte de William Harper, por causa da bebida; os vários esforços equivocados ou abandonados; as várias oportunidades perdidas e os planos que foram por água abaixo. Depois disso tudo, ele pelo menos segue vivo. O pior já aconteceu — não aconteceu? — e apesar disso ele continua intacto, seu corpo está quente e respira. Ele já não é nada, é bem verdade (um médico num navio baleeiro de Yorkshire — que tipo de recompensa é essa, levando em conta tudo o que passou?), mas não ser nada, quando visto por outro ângulo, também é ser qualquer coisa. Não é mesmo? Em vez de perdido, desimpedido? *Livre?* E esse medo que sente agora, esse sentimento de perpétua incerteza, só pode ser — decide ele — um sintoma inesperado desse estado irrestrito em que se encontra.

Sumner experimenta um momento de grande alívio diante dessa conclusão tão nítida e sensata, que pôde ser alcançada de maneira tão fácil e rápida, mas então, quase imediatamente depois, quase antes que tivesse a oportunidade de desfrutar daquela nova sensação, ele se dá conta de que a liberdade da qual goza é no fundo um tanto vazia — é a liberdade de um andarilho ou de um animal. Se ele é livre em sua atual condição, a mesa que tem diante de si também é livre, e o mesmo vale para o seu copo. E o que significa ser *livre*, no fim das contas? Palavras como essa são tênues, se amassam e desmancham ao menor toque. Somente as ações contam, ele pensa pela décima milésima vez, somente acontecimentos. Todo o resto é vapor, névoa. Ele toma mais um gole e lambe os lábios. Pensar demais é um erro grave, lembra a si mesmo, um erro grave. A vida não aceita ser resolvida como um quebra-cabeças nem se curva ao peso de ladainhas; ela precisa ser vivida até o fim, sobrevivida, de qualquer jeito que o homem tenha à sua disposição.

Sumner apoia a cabeça na parede caiada e fica observando a entrada do recinto com um olhar vago. Consegue ver o taberneiro lá no fundo, atrás do bar, e ouvir o tilintar dos utensílios de metal e o rangido de uma porta de alçapão se fechando. Sente surgir no peito uma nova onda confortante de clareza e alívio. É o corpo, pensa, e não a mente. É o sangue que importa, a química. Passam alguns minutos e ele se sente bem melhor consigo mesmo e com o mundo. O capitão Brownlee, ele pondera, é um bom homem, e Baxter também, à sua maneira. São homens dedicados. Acreditam em atos e consequências, captura e recompensa, na geometria simples da causa e efeito. E quem pode dizer que estão equivocados? Olha para o copo vazio e pensa se seria sábio pedir mais um. Ficar em pé não seria um problema, acha, mas *falar*? Sente a língua achatada, como se não lhe pertencesse, e não pode ter certeza do que sairia se tentasse falar — que idioma, exatamente? Que ruídos? O taberneiro, como se tivesse captado de longe o dilema, lança um olhar em sua direção, e Sumner gesticula com o copo vazio.

“Perfeitamente”, diz o taberneiro.

Sumner sorri pensando na elegância simples daquela troca de mensagens — a necessidade percebida, a satisfação provida. O taberneiro adentra o recinto com uma garrafa de rum pela metade e enche seu copo. Sumner agradece com um aceno de cabeça e tudo fica bem.

A rua já está escura e parou de chover. Uma luz difusa e gasosa ilumina o pátio de amarelo. Na sala ao lado, algumas mulheres riem alto. Há quanto tempo estou aqui sentado?, Sumner se pergunta de repente. Uma hora? Duas? Ele termina a bebida, amarra de novo o embrulho do farmacêutico e levanta. O recinto, agora, parece muito menor do que quando havia entrado. Ainda não há fogo na lareira, mas alguém colocou um lampião a óleo em cima de uma banquetta, ao lado da porta de entrada. Caminha com cuidado até o salão adjacente, olha em volta por um instante, toca a aba do chapéu para as damas e retorna às ruas.

O céu noturno está repleto de estrelas — o grandioso painel

do zodíaco entremeado pelo denso pontilhado brilhante das que não possuem nome. *O céu estrelado sobre mim e a lei moral dentro de mim.* Ele se lembra, caminhando, da sala de dissecação em Belfast na qual observou aquele velho blasfemo e asqueroso, Slattery, fatiar um cadáver com gosto. “Nenhum sinal da alma imortal desse camarada ainda, jovens senhores”, ele brincava, cavoucando e puxando, fazendo aparecer intestinos como um ilusionista faz aparecer lenços, “nem de sua esplêndida capacidade de raciocínio, mas seguirei procurando.” Lembra dos potes contendo cérebros seccionados, flutuando desamparados e inúteis como couves-flores em conserva, com seus hemisférios esponjosos completamente esvaziados de pensamentos e desejos. A redundância da carne, pensa, o desamparo da carne, como podemos evocar o espírito a partir de ossos? Apesar disso tudo, esta rua é agradável: na maneira como os tijolos úmidos brilham vermelhos à luz da lua, no ecoar dos saltos das botas de couro atingindo os paralelepípedos, na elasticidade da lã fina cobrindo as costas de um homem e da flanela em torno dos quadris de uma mulher. Os turbilhões e berros das gaiotas, o ranger das rodas de carroça, risadas, xingamentos, tudo, as harmonias grosseiras da noite se entrecruzando como em uma sinfonia primitiva. Depois do ópio, é disso que ele mais gosta: desses cheiros, sons, visões, o choque e clamor dessa beleza temporária. Em toda parte, uma acuidade repentina que falta ao mundo ordinário, um ímpeto e vigor repentinos.

Ele perambula pelas praças e vielas, passando pelos barracos e pelas casas dos ricos. Não faz ideia de onde fica o norte nem da direção em que se encontra o cais, mas sabe que cedo ou tarde, de algum jeito, seu faro o conduzirá até lá. Aprendeu que nessas ocasiões precisa parar de pensar e confiar em seu instinto. Por que Hull, por exemplo? E por que a maldita caça à baleia? Não faz sentido, e nisso está a grande genialidade. Na falta de lógica, na quase idiotice. A astúcia, pensa, não leva a lugar nenhum; apenas os tolos, os brilhantemente tolos, herdarão a terra. Adentrando a praça pública, encontra um mendigo sem pernas e maltrapilho assoviando “Nancy Dawson” e se deslocando com as

mãos pelo calçamento encardido. Os dois param para conversar.

“Em que direção fica o Cais da Rainha?”, pergunta Sumner, e o mendigo sem pernas aponta com seu punho encrustado de sujeira.

“Para lá”, ele diz. “Qual navio?”

“O *Volunteer*.”

O mendigo, que tem o rosto marcado pela varíola e um corpo atarracado que termina abruptamente logo abaixo da virilha, balança a cabeça e dá uma risadinha chiada.

“Se escolheu ir ao mar com Brownlee, acabou de foder o próprio rabo”, ele diz. “Bem fodido.”

Sumner considera essas palavras e discorda com a cabeça.

“Brownlee dá pro gasto”, diz.

“Dá pro gasto se quer se foder completamente”, responde o mendigo. “Dá pro gasto se quer voltar pra casa sem um tostão no bolso, ou talvez nem voltar. Pra isso ele dá pro gasto, aí eu concordo. Ouviu falar no *Percival*? Deve ter ouvido falar na merda do *Percival*.”

O mendigo tem na cabeça um gorro escocês com pompom, imundo e disforme, costurado a partir de retalhos de vários outros adereços de cabeça velhos e de qualidade superior.

“Estive na Índia”, diz Sumner.

“Pergunte a qualquer um aqui a respeito do *Percival*”, diz o mendigo. “Apenas diga a palavra *Percival* e veja a reação.”

“Então me conte”, diz Sumner.

O mendigo faz uma breve pausa antes de começar, como se quisesse avaliar melhor a amplitude cômica da ingenuidade de Sumner.

“Virou serragem depois de ser estraçalhado por um iceberg”, ele diz. “Já faz três anos. Os porões estavam cheios de gordura quando aconteceu, e não conseguiram resgatar um mísero barril. Nenhuma gota. Oito homens se afogaram e outros dez morreram de frio, e nenhum dos que sobreviveram ganhou uma mísera moedinha.”

“Soa como um infortúnio. Poderia ter acontecido com qualquer um.”



“Mas aconteceu com Brownlee e ninguém mais. E um capitão azarado desse jeito não costuma receber o comando de outro navio.”

“Baxter deve confiar nele.”

“Baxter é malandro. É tudo que vou dizer sobre o filho da mãe do Baxter. Malandro, é isso que ele é.”

Sumner dá de ombros e olha para a lua.

“O que aconteceu com as suas pernas?”, pergunta.

O mendigo olha para baixo e enruga a testa, como se estivesse surpreso com a ausência delas.

“Pode fazer essa pergunta pro capitão Brownlee”, ele diz. “Diga que Ort Caper estava interessado em saber. Diga que a gente resolveu contar quantas pernas eu tinha, numa noite agradável, e que ficamos com a impressão de que faltavam duas. Veja o que ele tem a dizer sobre isso.”

“Por que eu perguntaria a ele?”

“Porque você dificilmente vai acreditar se isso sair da boca de alguém como eu, vai achar que são apenas as sandices de um desmiolado, mas Brownlee sabe a maldita verdade tão bem quanto eu. Pergunte a ele o que aconteceu no *Percival*. Diga que Ort Caper mandou um abraço. Veja se isso terá algum efeito sobre a digestão dele.”

Sumner pega uma moeda no bolso e a deposita na mão estendida do mendigo.

“O nome é Ort Caper”, grita o mendigo às suas costas. “Pergunte a Brownlee o que aconteceu com a porcaria das minhas pernas.”

Mais adiante, ele começa a sentir o cheiro do Cais da Rainha — seu fedor azedo e vulgar, como de carne quase estragando. Pelas frestas entre os armazéns, entre as pilhas de tábuas das madeireiras, consegue discernir o desenho silhuetado dos navios baleeiros e das chalupas. Passa da meia-noite agora e as ruas estão mais silenciosas — alguns ruídos abafados de bebedeira nas tavernas junto ao cais, na Penny Bank, na Seaman's Molly, de vez em quando o barulho de uma carruagem vazia ou o

chacoalhar de uma carroça de lixo. As estrelas giraram em seu eixo, a lua inflada está parcialmente escondida atrás de uma barreira de nuvens niqueladas; Sumner enxerga o *Volunteer*, bojudo, escuro, com cordame denso, um pouco mais à frente no cais. Não há ninguém caminhando pelo convés, ninguém que ele possa ver, pelo menos, portanto o carregamento deve estar concluído. Agora esperam somente a maré e o rebocador que os puxará até o Humber.

Sua mente viaja até os campos de gelo setentrionais e as grandes maravilhas que sem dúvida avistará — o unicórnio e o leopardo dos mares, a morsa e o albatroz, o petrel do Ártico e o urso-polar. Pensa nas grandes baleias-da-groenlândia agrupadas em bandos como nuvens plúmbeas de temporal debaixo dos silenciosos lençóis de gelo. Fará esboços a carvão de todos, decide, pintará aquarelas das paisagens, talvez possa manter um diário. Por que não? Terá tempo de sobra à disposição, Brownlee deixou isso muito claro. Lerá bastante (trouxe seu Homero cheio de dobras nos cantos); praticará o seu grego enferrujado. Dane-se, por que não? Não terá muito mais a fazer — receitará alguns purgantes aqui e ali, atestará algumas mortes, mas, tirando isso, será um pouco como tirar umas férias. Foi o que Baxter insinuou, pelo menos. Insinuou que o trabalho de um médico num navio baleeiro era um detalhe da legislação, uma exigência a ser cumprida, mas na prática não havia porcaria nenhuma a fazer — daí a remuneração ridícula, é claro. E assim sendo, pensa, se dedicará a ler e a escrever, a dormir, a jogar conversa fora com o capitão quando for chamado. De modo geral, o tempo correrá macio, quase tedioso, mas Deus sabe que é disso que necessita após a insanidade na Índia: o calor imundo, a barbárie, o fedor. Seja lá como for a caça à baleia na Groenlândia, pensa, com certeza será muito diferente daquilo.

“O vento está aumentando”, diz Baxter. “Aposto que a viagem até Lerwick será breve.”

Brownlee se apoia na casa do leme e cospe uma bola de catarro verde por cima da grinalda, mirando a vasta superfície de lodo marrom do Humber. De norte a sul, uma costa indistinta solda o aço enferrujado do céu e do estuário. Na dianteira do navio, o rebocador a vapor vai resmungando tediosamente, deixando para trás uma esteira de água espumosa e gaivotas dando rasantes.

“Mal posso esperar pelo bando de paspalhos que me espera em Lerwick”, diz Brownlee.

Baxter sorri.

“São bons homens”, diz. “*Shetlanders* legítimos, todos eles: trabalhadores, bem-dispostos, solícitos.”

“Você sabe que pretendo encher o porão principal quando chegarmos às Águas do Norte”, diz Brownlee.

“Encher de quê, para ser exato?”

“De gordura.”

Baxter balança a cabeça.

“Não precisa provar nada para mim, Arthur”, diz ele. “Sei o que você é.”

“Sou um caçador de baleias.”

“Sim, e dos bons. O nosso problema não é você, Arthur, e também não sou eu: o nosso problema é a história. Trinta anos atrás, qualquer imbecil com um bote e um arpão podia ficar rico. Você lembra disso. Lembra do *Aurora* em vinte e oito? Retornou já em junho — *junho*, caralho — com pilhas de barbatana de baleia da minha altura presas às amuradas. Não estou dizendo que era fácil naquele tempo, fácil nunca foi, como você sabe. Mas podia ser feito. Agora você precisa — de quê? — de um

motor a vapor de duzentos cavalos, canhões de arpão e muita sorte. Ainda assim, haverá uma boa chance de voltar para casa com as mãos vazias.”

“Vou encher o porão”, Brownlee insiste calmamente. “Vou comer o rabo desses desgraçados e encher o porão, você vai ver.”

Baxter dá um passo em sua direção. Está vestido como um advogado, não como um marinheiro: botas pretas de pelica, colete de nanquim, lenço roxo no pescoço, um fraque azul-marinho de lã penteada. Seus cabelos são grisalhos e escassos, suas faces são avermelhadas e varicosas e seus olhos estão cheios de secreção. Parece sofrer há anos de alguma doença fatal, mas nunca falta um dia no escritório. O homem está com um pé na cova, pensa Brownlee, mas pelo amor de Deus, como fala. Palavras, palavras, palavras — o filho da puta não termina, a verbosidade jorra sem controle. Continuará cagando pela maldita boca mesmo quando estiver debaixo da terra.

“*Matamos* todas elas, Arthur”, continua Baxter. “Foi formidável enquanto durou, e fabulosamente lucrativo, também. Tivemos vinte e cinco anos bons pra cacete. Mas o mundo dá voltas, e começou um capítulo novo. Pense dessa maneira. Não se trata do fim de algo, mas do começo de algo ainda melhor. Além disso, ninguém mais quer o óleo de baleia — só se fala em petróleo, agora, em gás de carvão, você sabe.”

“O petróleo não vai durar”, diz Brownlee. “É só uma moda. E as baleias continuam por aí — você só precisa de um capitão com o faro adequado e de uma tripulação capaz de fazer o que mandam.”

Baxter balança a cabeça e chega bem perto dele, com ar conspiratório. Brownlee sente cheiro de pomada para cabelo, mostarda, cera de lacre e cravo-da-índia.

“Não faça merda dessa vez, Arthur”, ele diz. “Não perca de vista aquilo que planejamos. Não se trata de uma questão de orgulho — nem para você nem para mim. E definitivamente não tem a ver com os malditos peixes.”

Brownlee vira o rosto sem responder. Mantém o olhar fixo ao

longe, na planura deprimente da costa de Lincolnshire. Nunca gostou da terra firme, pensa. É fixa demais, sólida demais, convicta demais.

“Mandou alguém checar as bombas?”, pergunta Baxter.

“Drax”, responde.

“Drax é um bom sujeito. Não fiz feio com os arpoadores, não é? Tenho certeza que você já havia reparado. Consegui para você três dos melhores. Drax, Jonas-a-baleia e, como é que era o nome do outro mesmo, Otto. Uma alegria para qualquer capitão, esses três.”

“Vão dar para o gasto”, admite, “os três vão dar para o gasto, mas não compensam Cavendish.”

“Cavendish é necessário, Arthur. Cavendish faz sentido. Já falamos muitas vezes sobre Cavendish.”

“Ouvi um burburinho na tripulação.”

“Por causa de Cavendish?”

Brownlee assente.

“É má ideia colocá-lo como imediato. Todos sabem que ele é um canalha imprestável.”

“Cavendish é um cagalhão e um putanheiro, é verdade, mas segue ordens à risca. E quando chegar às Águas do Norte, a última coisa que você vai desejar é algum desgraçado querendo mostrar iniciativa. De todo modo, você tem o seu segundo imediato, o jovem Master Black, para ajudá-lo se tiver dificuldades pelo caminho. Ele tem a cabeça boa.”

“E o que dizer do nosso médico irlandês?”

“Sumner?” Baxter dá de ombros e ri baixinho. “Viu por quanto o contratei? Duas libras por mês, um xelim por tonelada. Deve ser um recorde, ou quase. Algo cheira mal ali, é claro, mas nada que possa nos preocupar, creio eu. Ele não quer se meter em encrenca conosco, disso estou certo.”

“Acredita na história do tio falecido?”

“Pelo amor de Deus, não. E você?”

“Então acha que ele foi expulso do exército?”

“É o mais provável, mas mesmo que tenha sido, e daí? O que consideram motivo para uma expulsão hoje em dia? Trapacear

no bridge? Comer o cu do corneteiro? Acho que ele nos serve.”

“Não sei se você sabe, mas ele esteve em Déli, na montanha. Viu Nicholson um pouco antes de sua morte.”

Baxter ergue as sobrancelhas, acena com a cabeça em aprovação e parece impressionado.

“Aquele Nicholson era um herói”, ele diz. “Se tivéssemos mais gente como Nicholson para enforcar os desgraçados, e menos gente como aquele fracote de merda, Canning, concedendo perdão a torto e a direito, o império estaria mais protegido.”

Brownlee assente.

“Ouvi dizer que ele conseguia partir um sipaio ao meio com um golpe de sabre”, diz. “Nicholson, no caso. Como um pepino.”

“Como um pepino”, ri Baxter. “Seria algo incrível de se ver, não?”

Estão passando por Grimsby a estibordo, enquanto à sua frente a linha fina e amarelada de Spurn Point começa a ficar visível no horizonte. Baxter confere o relógio de bolso.

“Chegamos rápido”, diz. “Bons prenúncios.”

Brownlee grita para que Cavendish envie um sinal ao rebocador. Cerca de um minuto depois, o rebocador diminui a velocidade e a corda ligando as embarcações desentesa. Eles soltam a corda e Brownlee ordena que as velas grandes sejam desfraldadas. O vento sudoeste acaba de entrar e o barômetro está firme. Nuvens cinzentas coagulam a leste no horizonte. Brownlee olha de canto para Baxter, que está sorrindo para ele.

“Uma última palavrinha antes de nos despedirmos, Arthur”, diz ele, acenando para baixo com o queixo.

“Recolha essa corda de merda”, Brownlee grita para Cavendish, “e a mantenha firme, chega de vela.”

Os dois descem juntos a escada e entram na cabine do capitão.

“Conhaque?”, pergunta Brownlee.

“Já que estou pagando por ele”, diz Baxter, “por que não?”

Eles sentam em lados opostos da mesa e bebem.

“Trouxe os papéis”, diz Baxter. “Achei que gostaria de dar uma olhada neles.” Ele retira duas folhas de pergaminho do bolso e as desdobra por cima da mesa. Brownlee as estuda por um momento. “Doze mil libras divididas por três é uma montanha de dinheiro considerável, Arthur”, continua Baxter. “Você deve ter isso em mente acima de tudo. É um bocado a mais do que você poderia sonhar em ganhar matando baleias.”

Brownlee assente.

“É melhor que Campbell esteja lá”, diz ele. “É tudo que digo. Se Campbell não estiver lá no momento em que eu precisar dele, dou meia-volta nessa merda e navego de volta para casa.”

“Ele estará lá”, diz Baxter. “Campbell não é tão idiota quanto parece. Ele sabe que, se der certo dessa vez, a próxima é dele.”

Brownlee balança a cabeça, negando.

“É disso que se trata”, diz.

“É o dinheiro, Arthur, apenas isso. O dinheiro faz o que quer. Não dá a mínima para o que preferimos. Se você bloqueia um acesso, ele cria outro novo. Não posso controlar o dinheiro, não posso lhe dizer o que fazer ou para onde ir em seguida — quem me dera, porra, mas eu não posso.”

“Melhor rezar para que haja gelo suficiente lá em cima.”

Baxter termina a bebida e se levanta para ir embora.

“Ah, sempre há gelo”, diz, abrindo um leve sorriso. “Sabemos muito bem disso. E se há um homem vivo com o verdadeiro tino para encontrá-lo, creio que este homem é você.”

Eles chegam ao porto de Lerwick em primeiro de abril de 1859. O céu cinzento anuncia chuva e os morros baixos e sem árvores que cercam a cidade têm cor de serragem molhada. Dois navios de Peterhead, o *Zembla* e o *Mary-Anne*, já estão ancorados em segurança, e o *Truelove* de Dundee é esperado para o dia seguinte. Logo depois de tomar o café da manhã, o capitão Brownlee vai à cidade visitar Samuel Tait, seu agente marítimo local, e buscar os tripulantes vindos de Shetland. Sumner passa a manhã distribuindo porções de tabaco e atendendo Thomas Anderson, um ajudante de convés que sofre de uma estenose dolorida. À tarde ele se deita no beliche e adormece lendo Homero. É despertado por Cavendish, que bate na porta e explica que está reunindo um pequeno destacamento de marujos dedicados com o propósito de avaliar o desempenho da destilaria local.

“Até o momento, o destacamento expedicionário é formado por mim”, diz Cavendish, “Drax, que depois de beber se torna um selvagem, admito, Black, que é um cliente tranquilo e alega beber apenas gengibirra ou leite, mas isso é o que veremos, e também Jonas-a-baleia, que é um galês, é claro, e como tal um grande mistério para todos nós. Em suma, a noite promete ser das mais aprazíveis, eu diria.”

Drax e Jonas remam o bote. Cavendish fala sem parar, contando, uma atrás da outra, histórias sobre as brigas de faca sangrentas que testemunhou e as mulheres feias que fodeu em Lerwick.

“Jesus, o fedor indescritível daquela racha”, ele diz. “Inacreditável, só estando lá pra entender.”

Sumner está sentado ao lado de Black na popa do bote a remo. Antes de deixar sua cabine, consumiu oito grãos de láudano (a



dose exata, baseada em experiências anteriores, para tornar a saída suportável sem fazê-lo parecer um completo idiota) e agora está apreciando o som da água batendo nas pás e dos remos rangendo nas forquetas (está simplesmente ignorando Cavendish). Black pergunta se essa é a sua primeira visita a Lerwick e Sumner confirma.

“Vai reparar que é um lugar meio atrasado”, explica Black. “A terra aqui é pobre e os *shetlanders* não demonstram interesse em melhorá-la. São camponeses, o que lhes garante as virtudes dos camponeses, podemos dizer, mas nada além disso. Se você caminhar um pouco pela ilha e ver o estado lamentável das propriedades rurais e construções, logo entenderá o que digo.”

“E os moradores da cidade? Obtêm algum lucro da caça à baleia?”

“Alguns, mas a maioria acaba apenas corrompida. A cidade como um todo é imunda e nefanda como qualquer porto — não é das piores, mas com certeza não é das melhores.”

“Obrigado a Deus por isso”, Cavendish comenta aos gritos. “Uma bebida que preste e uma bocetinha molhada são tudo o que um homem precisa antes se lançar à sangrenta caça da baleia, e felizmente esses são os dois únicos produtos de qualidade que Lerwick pode oferecer.”

“Está corretíssimo”, confirma Black. “Se o que você está procurando é uísque escocês e putas baratas, sr. Sumner, sem dúvida veio ao lugar certo.”

“Tenho sorte de contar com guias tão experientes.”

“Tem sorte *mesmo*”, diz Cavendish. “Vamos te mostrar como funciona, não é, Drax? Vamos te dar todos os macetes. Pode ficar tranquilo quanto a isso.”

Cavendish dá risada. Drax, que não abriu a boca desde que saíram do navio, desvia a atenção do remo e encara Sumner por um breve momento, como se procurasse definir quem ele é e que utilidade poderia ter.

“Em Lerwick”, diz Drax, “o copo de uísque mais barato custa seis *pennies* e uma puta decente sai por um xelim, talvez dois, se você tiver um gosto mais exclusivo. Isso é tudo que se precisa

saber de antemão.”

“Drax é um homem de poucas palavras, como pode ver”, diz Cavendish. “Mas eu gosto de falar, então formamos um bom time.”

“E o que dizem do Jonas, aqui?”, pergunta Sumner.

“Jonas é um galês de Pontypool, então ninguém nunca entende merda nenhuma que sai da boca dele.”

Jonas se vira e manda Cavendish se foder.

“Está vendo?”, diz Cavendish. “Só merda sem sentido.”

Eles começam pelo Queen's Hotel, depois vão até o Commercial, a seguir até o Edinburgh Arms. Do Edinburgh Arms, vão até o estabelecimento da srta. Brown na Charlotte Street, onde Drax, Cavendish e Jonas escolhem uma garota para cada um e sobem para os quartos, enquanto Sumner (que nunca consegue desempenhar suas funções depois de consumir láudano, portanto dá a desculpa de que está se recuperando de uma gonorreia) e Black (que insiste com o semblante muito sério que prometeu permanecer fiel à noiva, Bertha) ficam no andar de baixo bebendo cerveja porter.

“Posso te fazer uma pergunta, Sumner?”, diz Black.

Sumner, olhando para ele através de uma neblina densa de intoxicação, faz que sim com a cabeça. Black é jovem e entusiasmado, mas também é, Sumner acredita, um pouco arrogante além da conta. Nunca chega a ser abertamente grosseiro ou desdenhoso, mas às vezes se detecta nele uma autoconfiança desproporcional à sua posição.

“Sim”, diz ele, “é claro que pode.”

“O que está fazendo aqui?”

“Em Lerwick?”

“No *Volunteer*. O que um homem como você faz a bordo de um navio baleeiro rumo à Groenlândia?”

“Expliquei a minha situação na sala de oficiais na noite passada, acho — o testamento do meu tio, a fazenda de laticínios.”

“Mas se é assim, por que não procura trabalho num hospital

da cidade? Ou se dedica a outra atividade por algum tempo? Você deve conhecer pessoas que poderiam te ajudar. O trabalho de médico numa embarcação baleeira é desconfortável, hostil e mal pago. Costuma ser preenchido por estudantes de medicina que precisam juntar dinheiro, não por um homem com a sua idade e experiência.”

Sumner sopra dois tubos de fumaça de charuto pelas narinas e pisca um olho.

“Talvez eu seja um excêntrico incorrigível”, diz, “ou simplesmente um idiota. Já pensou nisso?”

Black sorri.

“Duvido das duas coisas”, diz. “Já te vi lendo Homero.”

Sumner dá de ombros. Está convencido a permanecer calado, a não dizer nada que possa indicar a verdade sobre o seu estado.

“Baxter me fez uma proposta e eu aceitei. Talvez eu tenha agido sem pensar, mas agora comecei a aguardar com expectativa essa experiência. Pretendo manter um diário, fazer esboços, ler.”

“Pode ser que a viagem não seja tão tranquila quanto pensa. Você sabe que Brownlee tem muito a provar — ouviu falar a respeito do *Percival*, tenho certeza. Ele teve sorte de conseguir outro navio depois daquilo. Se fracassar dessa vez, será o fim dele. Você é o médico do navio, é claro, mas já vi médicos sendo forçados a participar da caça. Você não seria o primeiro.”

“Não tenho medo de trabalhar, se é disso que se trata. Farei minha parte.”

“Ah, tenho certeza que sim.”

“E você? Por que o *Volunteer*?”

“Sou jovem, não tenho família viva nem amigos importantes; preciso correr riscos para conseguir me manter. Brownlee tem fama de inconsequente, mas caso se dê bem, pode me garantir um bom dinheiro, e caso fracasse, não levarei a culpa por isso e ainda terei o tempo a meu favor.”

“Você é bastante arguto para alguém da sua idade.”

“Não pretendo terminar como os outros — Drax, Cavendish, Jonas. Eles pararam de pensar. Não sabem mais o que estão

fazendo, nem por quê. Mas eu tenho um plano. Daqui a cinco anos, ou antes, se a sorte olhar para mim, estarei num cargo de comando.”

“Você tem um *plano*?”, pergunta Sumner. “E acha que isso o ajudará?”

“Ah, sim”, ele diz, abrindo um sorriso que oscila entre a deferência e a presunção. “Estou convencido de que ajudará.”

Drax desce primeiro. Ele se acomoda numa cadeira ao lado de Black e solta um peido comprido e ruidoso. Os outros dois o encaram. Ele dá uma piscadinha e faz sinal para que o garçom traga outra dose.

“Por um xelim, já tive coisa pior”, diz.

Dois violinistas começam a tocar no canto do salão e algumas das garotas vão dançar. Aparece um grupo de ajudantes de convés do *Zembla*, e Black vai conversar com eles. Cavendish chega, ainda abotoando as calças, mas não há sinal de Jonas-a-baleia.

“O nosso sr. Black ali é um bostinha presunçoso, não é?”, diz Cavendish.

“Ele me disse que tem um plano.”

“Que se dane a merda de plano dele”, diz Drax.

“Ele quer ter o próprio navio”, diz Cavendish, “mas não conseguirá. Não entende porra nenhuma do que está acontecendo aqui.”

“E o que *está* acontecendo aqui?”, pergunta Sumner.

“Nada de mais”, diz Cavendish. “O de sempre.”

Os homens do *Zembla* estão dançando com as putas; giram e batem os pés no piso de tábuas. A atmosfera começa a ficar repleta de serragem e fumaça de turfa. Um odor fétido e morno de tabaco, cinzas e cerveja choca ganha intensidade. Drax olha com desprezo para os dançarinos e depois pede a Sumner que lhe pague outro uísque. “Te mostro a minha nota promissória”, propõe ele. Sumner dispensa o oferecimento com um gesto e pede mais uma rodada.

“Pois então, fiquei sabendo sobre Déli”, Cavendish diz, se

inclinando na sua direção.

“Ficou sabendo do quê?”

“Fiquei sabendo que dava para ganhar muito dinheiro. Pilhagem a torto e a direito. Conseguiu algo?”

Sumner balança a cabeça.

“Os sipaios fizeram uma limpa na cidade antes de entrarmos. Levaram tudo. Quando chegamos, sobravam apenas cachorros vadios e móveis quebrados; o lugar foi completamente saqueado.”

“Nada de ouro, então?”, pergunta Drax. “Jóias?”

“Se eu tivesse enriquecido, será que realmente estaria aqui sentado com dois trastes como vocês?”

Drax o encara por vários segundos, como se a pergunta fosse complexa demais para responder de imediato.

“Tem ricos e ricos”, diz por fim.

“Não sou nenhum dos dois.”

“Mas aposto que viu umas carnificinas memoráveis”, diz Cavendish. “Violência horripilante.”

“Sou médico”, diz Sumner. “O derramamento de sangue não me abala. Não mais.”

“Não me *abala*?”, repete Drax com uma cadência debochada, como se a palavra fosse afeminada e vagamente absurda.

“Não me surpreende, então, se preferir”, Sumner emenda sem titubear. “O derramamento de sangue não me surpreende. Não mais.”

Drax balança a cabeça e olha para Cavendish.

“O derramamento de sangue também não me surpreende muito. Você se surpreende, Cavendish?”

“Não, quase nunca, sr. Drax. De modo geral, tendo a lidar bem com um pouco de derramamento de sangue pelo caminho.”

Depois de terminar sua bebida, Drax vai ao andar de cima procurar Jonas, mas não o encontra. Voltando à mesa, troca algumas palavras com um dos homens do *Zembla*. Quando está sentando novamente, o homem grita alguma coisa na sua direção, mas Drax o ignora.

“*De novo* não”, diz Cavendish.

Drax dá de ombros.

Os violinistas estão tocando “Monymusk”. Sumner observa os dançarinos molambentos e desordenados que rodopiam e sapateiam pelo salão. Lembra de dançar polca em Ferozepur nos dias que antecederam a rebelião, lembra do calor úmido no salão de dança do coronel e do cheiro que mesclava a fumaça dos *cheroots* com o pó de arroz e o suor impregnado de água de rosas. Começa outra música, e algumas putas sentam nas cadeiras para descansar ou se inclinam com as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego.

Drax molha os lábios, levanta da cadeira e vai andando até a outra ponta do salão. Esgueira-se entre as mesas até ficar diante do homem com quem havia discutido minutos antes. Aguarda um momento e depois se inclina mais perto e sussurra improperios cuidadosamente escolhidos no ouvido do homem. O homem dá um giro e Drax o soca duas vezes no rosto. Ele levanta o punho uma terceira vez, mas antes de conseguir desferir o golpe é arrastado para trás e dominado pelos outros marujos.

A música para. Em seu lugar há gritos, xingamentos, barulho de móveis quebrando e de vidro espatifando. Cavendish vai ajudar, mas é derrubado na mesma hora. São dois contra seis. Sumner fica observando e preferiria permanecer neutro — é um médico, não um lutador —, mas sabe contar bem e compreende qual é a sua obrigação. Larga o copo de cerveja e vai para o outro lado do salão.

Uma hora depois, Drax, fedendo a uísque, com os punhos em carne viva e o saco dolorido, rema o bote levando o grupo desfalcado de volta ao *Volunteer*. Jonas e Black sumiram, Sumner está encolhido na popa, gemendo, e Cavendish, que está deitado a seu lado, ronca alto. O céu acima deles está sem lua e a água que os circunda tem cor de tinta. Não fossem as lanternas do navio baleeiro e os pontinhos de luz na margem, não se veria nada — eles estariam cercados de vazio. Drax se inclina para a frente e puxa os remos para trás. Sente a água resistir e depois

ceder.

Quando chegam ao navio, Drax tira Cavendish de seu estupor. Juntos, eles puxam Sumner até o convés e depois o carregam para os alojamentos. A porta da sua cabine está trancada, e eles precisam vasculhar os bolsos de seu colete para encontrar a chave. Deitam-no sobre o beliche e tiram as botas dele.

“Esse pobre infeliz parece estar precisando de um médico”, diz Cavendish.

Drax não presta atenção. Ele encontrou duas chaves no bolso do colete de Sumner e está se perguntando que fechadura a outra chave destranca. Passa os olhos pelo interior da cabine e repara no baú com cadeado que está ao lado da maleta de remédios, embaixo da cama. Ele se agacha e tateia o baú com a ponta do indicador.

“O que está fazendo?”, pergunta Cavendish.

Drax lhe mostra a segunda chave. Cavendish funga e limpa o sangue que ainda escorre do lábio cortado.

“Não deve ter nada aí”, diz. “Só as merdas de sempre.”

Drax puxa o baú debaixo da cama, destranca o cadeado com a segunda chave e começa a investigar o seu conteúdo. Retira uma calça de lona, uma balaclava, um exemplar d'*A Ilíada* com encadernação barata. Encontra um estojo fino de mogno e o abre.

Cavendish assovia baixinho.

“Cachimbo de ópio”, diz. “Ora, ora.”

Drax pega o cachimbo, o estuda por um momento, cheira o forninho e depois o coloca de volta no lugar.

“Não é isso”, diz.

“Não é o quê?”

Ele retira do baú um par de botas de marinheiro, uma caixa de aquarelas, um jogo de roupas de cama, um colete de lã, três camisas de flanela, apetrechos para barbear. Sumner se vira para o lado e geme. Os dois homens interrompem o que estão fazendo e se voltam para ele.

“Dê uma olhada bem no fundo”, diz Cavendish. “Pode ter

algo escondido bem no fundo.”

Drax enfia a mão e examina. Cavendish boceja e começa a esfregar uma mancha de mostarda no cotovelo do casaco.

“Tem alguma coisa aí?”, pergunta.

Drax não responde. Coloca a outra mão bem no fundo do baú e saca um envelope gasto e com os cantos dobrados. Retira um documento do envelope e o entrega para que Cavendish leia.

“Documentos de expulsão do exército”, diz Cavendish, e um momento depois completa: “Sumner foi levado à corte marcial, saiu sem pensão, enxotado”.

“Por quê?”

Cavendish balança a cabeça.

Drax sacode o envelope e o vira de ponta-cabeça. Cai um anel. É de ouro e tem duas pedras de tamanho considerável.

“Imitação”, diz Cavendish. “Só pode.”

Um espelho pequeno e retangular com bordas chanfradas está afixado com presilhas de metal à antepara que fica acima da cabeça de Sumner, traço da vaidade de algum ocupante anterior. Drax pega o anel e, depois de lambê-lo, arranha a superfície do espelho. Cavendish observa e logo em seguida se aproxima para conferir o risco produzido — comprido, cinza e ondulante, como um fio de cabelo arrancado da cabeça de uma velha. Ele lambe o indicador e limpa o pó para avaliar melhor a profundidade do sulco. Faz sinal positivo com a cabeça. Eles se entreolham com cautela; depois olham para Sumner, que está respirando pesadamente pelo nariz e parece mergulhado no sono.

“Um tesouro saqueado em Déli”, diz Cavendish. “Que filho da puta mentiroso. Mas por que não vendeu?”

“Por garantia”, explica Drax, com se a resposta fosse óbvia. “Ele acredita que está mais seguro assim.”

Cavendish ri e balança a cabeça, espantado com a tolice de tal ideia.

“Uma viagem de caça à baleia é repleta de perigos”, diz. “Uns poucos desafortunados entre nós não voltarão para casa vivos. É apenas um fato.”



Drax assente e Cavendish continua: “E, é claro, se acontecer de um homem perder a vida a bordo, é tarefa do imediato leiloar suas posses em benefício da pobre viúva. Estou enganado?”

Drax balança a cabeça.

“Você tem razão”, ele diz. “Mas não agora. Não em Lerwick.”

“Não, caralho. Ainda não. Eu não quis dizer agora.”

Drax devolve o anel e os documentos de expulsão ao envelope. Coloca o envelope de volta no fundo do baú e arruma os demais itens exatamente como estavam. Fecha o cadeado com um clique e empurra o baú de novo para debaixo da cama.

“Não esqueça as chaves”, diz Cavendish.

Drax torna a colocar as chaves no bolso do colete de Sumner e os dois saem da cabine e sobem a escada. Antes de cada um ir para o seu lado, permanecem um instante parados.

“Você acha que Brownlee está sabendo?”, pergunta Cavendish.

Drax balança a cabeça.

“Ninguém mais sabe”, diz. “Só eu e você.”

Eles navegam para o norte a partir de Lerwick enfrentando dias longos de nevoeiro, chuva com neve e ventos cortantes, dias sem pausa nem descanso nos quais o mar e o céu se mesclam numa única parede de umidade cinzenta, revoltosa e impenetrável. Sumner permanece dentro da sua cabine vomitando sem parar, sem conseguir ler nem escrever, tentando entender por que se meteu nisso. São atingidos duas vezes por ventanias de leste. Os cabos chiam e o navio corcoveia e arfa por cima das colinas espumantes de um mar indomável. No décimo primeiro dia, o tempo fica firme e eles encontram banquisas: blocos de gelo afastados uns dos outros e pouco profundos, com vários metros de largura, subindo e descendo na ondulação calma. O frio no ar é novo, mas o céu começa a limpar e eles conseguem entrever à distância o pico vulcânico esbranquiçado da ilha de Jan Mayen. As sacolas de provisões são trazidas ao convés e é feita a distribuição da pólvora, das cápsulas e das espingardas. A tripulação começa a carregar projéteis e a afiar facas, preparando-se para caçar focas. Dois dias mais tarde avistam pela primeira vez o bando principal e no dia seguinte, assim que amanhece, descem os botes.

Drax trabalha sozinho no gelo, indo e voltando de um agrupamento a outro com tenacidade e paciência, dando tiros e distribuindo pauladas pelo caminho. Os filhotes berram quando ele se aproxima e tentam fugir rebolando, mas são lentos e bobos demais para escapar. Nos adultos, dá logo um tiro. Depois que mata uma foca, ele a vira de barriga para cima, corta as nadadeiras traseiras e a abre do pescoço até os genitais. Enfia a lâmina da faca no espaço entre a carne e a gordura e começa a separar e a arrancar as camadas externas. Ao terminar, prende a pele numa corda com ganchos e deixa para trás a carcaça cheia

de sangue e estrias de carne, parecendo uma placenta hedionda sobre a neve, para ser bicada por gaivotas ou devorada pelos filhotes de urso. Após horas disso, o banco de gelo está sujo e tingido de vermelho como o avental de um açougueiro e as cinco baleeiras ficam carregadas até o limite com pilhas fedorentas de peles de foca. Brownlee sinaliza para que os homens retornem. Drax iça a sua última carga, se alonga e depois mergulha a faca de cortar gordura e o porrete na água salgada para enxaguar os coágulos de sangue e pedaços de cérebro que se acumularam.

Enquanto as peles são içadas ao convés em fardos gotejantes, Brownlee as conta e calcula o seu valor. Quatrocentas peles fornecirão nove toneladas de óleo, ele estima, e cada tonelada vendida renderá, com sorte, algo em torno de quarenta libras. É um começo animador, mas eles precisam continuar. O bando de focas está começando a se dividir e se espalhar, e há uma flotilha de outros navios baleeiros holandeses, noruegueses, escoceses e ingleses reunidos com alguma distância uns dos outros ao longo da banquisa, todos competindo por fatias do mesmo tesouro. Antes que a luz vá embora, ele sobe no cesto da gávea com um telescópio e escolhe o local mais promissor para a caçada do dia seguinte. Esse ano o bando está maior que de costume, e o gelo, embora irregular e estreito em determinados pontos, continua navegável. Cinquenta toneladas seriam uma meta possível caso ele dispusesse de uma tripulação minimamente capaz, e acredita que mesmo com a corja insuficiente de vagabundos que Baxter lhe providenciou poderá obter trinta com facilidade, ou mesmo trinta e cinco. Decide enviar um barco adicional no dia seguinte, um sexto barco. Qualquer miserável que esteja respirando e consiga segurar uma espingarda estará no gelo matando focas.

Às quatro da manhã já clareou e eles descem os botes novamente. Sumner vai no sexto bote com Cavendish, o despenseiro, o ajudante de convés e vários dos tripulantes que vinham alegando doença para não trabalhar. A temperatura é de oito graus negativos, uma brisa está soprando e o mar tem a cor e a consistência da neve derretida nas ruas de Londres. Sumner, temendo sofrer queimaduras de gelo, vestiu seu gorro e um

cachecol de lã. Leva a espingarda presa entre os joelhos. Depois de remarem para sudeste por meia hora, eles avistam uma mancha escura de focas à meia distância. Ancoram o bote no gelo e desembarcam. Assoviando “The Lass of Richmond Hill”, Cavendish vai à frente e os outros o seguem numa fila irregular. Quando estão a sessenta metros das focas, se espalham e começam a atirar. Matam três focas adultas a tiro e seis filhotes a pauladas, mas as outras escapam ilesas. Cavendish escarra, recarrega a espingarda, sobe no topo de uma crista de pressão e olha ao redor.

“Lá”, grita para os outros, apontando em várias direções, “lá e lá também.”

O ajudante de convés fica para trás arrancando a pele das focas mortas e os demais se separam. Sumner caminha para o leste. Por cima dos rangidos e lamentos constantes do gelo em movimento, ele ouve o estampido ocasional de um disparo. Acerta tiros em mais duas focas e faz o melhor que pode para arrancar a pele delas. Perfura ilhós nas peles com a ponta da faca, passa uma corda pelos orifícios, amarra-as todas juntas e começa a fazer o caminho de volta para o navio com a corda no ombro.

Ao meio-dia ele já matou mais seis focas e se encontra a um quilômetro e meio do navio, arrastando cinquenta quilos de pele retalhada por uma sucessão de blocos de gelo amplos e oscilantes. A fadiga o tonteia. A fricção da corda deixou seus ombros esfolados e doloridos e o ar congelante castiga seus pulmões. Levanta a cabeça e avista Cavendish a uns cem metros de distância, e à direita, um pouco mais longe, há outro homem usando trajes escuros e caminhando na mesma direção, também arrastando peles atrás de si. Grita tentando chamá-los, mas o vento leva embora a sua voz e nenhum deles interrompe a marcha ou vira a cabeça para procurá-lo. Sumner continua em frente, pensando, à medida que avança com dificuldade, no calor e na proteção de sua cabine e nas cinco garrafas de gargalo curto cheias de láudano que estão guardadas uma ao lado da outra na maleta de remédios, como soldados em desfile. Tem consumido vinte e um grãos todas as noites após a ceia. Os outros acreditam

que ele está estudando grego e por isso zombam dele, mas na verdade, enquanto eles jogam *cribbage* ou discutem as condições climáticas, ele está deitado no beliche num estado de êxtase desagregado e quase indescritível. Nessas horas, pode estar em qualquer lugar e ser qualquer um. Sua mente desliza aqui e ali na vizinhança indistinta do tempo e do espaço — Galway, Lucknow, Belfast, Londres, Bombaim —; um minuto dura uma hora e uma década passa correndo num instante. Será que o ópio é uma mentira, ele se pergunta às vezes, ou será que é o mundo à nossa volta, esse mundo de sangue e de angústia, de tédio e de interesse, que é uma mentira? Sabe acima de tudo que os dois não podem ser verdadeiros ao mesmo tempo.

Sumner depara com uma fenda de um metro de largura entre dois blocos de gelo e fica um tempo parado. Arremessa a ponta da corda para o outro lado, dá um passo para trás e prepara o salto. Começou a nevar, e a neve que vem de todos os lados o fustiga no rosto e no peito. O melhor, sabe por experiência, é dar o impulso com a perna ruim e aterrissar com a boa. Dá um passo curto à frente e depois outro, mais rápido e amplo. Dobra o joelho e se lança à frente, mas seu pé de apoio escorrega no gelo: em vez de transpor a fenda com facilidade, ele cai para a frente de maneira ridícula, como um palhaço — de cabeça para baixo e com os braços girando — dentro da água escura e congelante.

Por um momento longo e desconcertante ele permanece cego e submerso. Debate-se até conseguir endireitar o corpo com a cabeça para cima, estica um braço para fora e agarra a beirada do gelo. O golpe feroz do frio arrancou todo o ar do seu corpo; tenta desesperadamente respirar enquanto o sangue ruge dentro dos ouvidos. Tenta usar a outra mão para se agarrar melhor e faz esforço para se erguer para fora d'água, mas não consegue. O gelo é escorregadio demais e ele perdeu a força dos braços depois de passar a manhã toda arrastando a corda. Está com água até o pescoço e a neve começou a cair com mais intensidade. Deslocado pela ondulação suave, o gelo range e boceja à sua volta. Sabe que se os blocos se aproximarem ficará esmagado entre eles. Se permanecer tempo demais dentro d'água,

provavelmente perderá a consciência e morrerá afogado.

Firma melhor as mãos e faz força para se erguer uma segunda vez. Fica suspenso numa agonia imóvel por um instante, nem dentro nem fora d'água, mas as duas mãos escorregam no gelo e ele despenca de novo. A água do mar enche sua boca e suas narinas; cuspiendo e tossindo, bate as pernas até emergir. De repente, a força com que suas roupas molhadas o puxam para baixo parece gigantesca. A barriga e a virilha já começaram a latejar de frio e seus pés e mãos estão ficando dormentes. Onde está o desgraçado do Cavendish?, pensa. Cavendish deve tê-lo visto cair. Grita uma vez pedindo ajuda, depois outra, mas ninguém aparece. Está sozinho. A corda está ao alcance, mas sabe que as peles amarradas na outra ponta não pesam o suficiente para aguentar o seu peso. Precisa se erguer com as próprias forças.

Agarra a beirada do gelo uma terceira vez e, batendo as pernas com mais vigor, tenta dar impulso para cima. Consegue fincar o cotovelo direito na superfície, depois a palma esquerda. Firma melhor o cotovelo e, arfando e gemendo devido ao esforço descomunal, faz força para se erguer um pouco mais, até que o queixo e o pescoço, e depois uma pequena porção do peito, estejam acima da beirada. Pressiona para baixo com a mão esquerda tanto quanto pode, usando o cotovelo como suporte, e conquista mais alguns centímetros. Por um breve momento, crê que o equilíbrio está mudando a seu favor e que está prestes a conseguir, mas assim que pensa isso o bloco no qual está apoiado se desloca abruptamente para o lado, seu cotovelo escorrega e ele cai, batendo com força a mandíbula no canto afiado do gelo. Encara por um instante o céu branco e revoltoso, e então, aturdido e indefeso, cai outra vez de costas e é tragado pela água escura.

Brownlee sonha que está bebendo sangue de dentro de um sapato velho. É o sangue de O'Neill, mas agora O'Neill está morto de frio e de tanto engolir água salgada. Os homens vão passando o sapato de mão em mão, tremendo quando chega a sua vez de beber. O sangue é morno e mancha seus lábios e dentes como o vinho. Mas que merda é essa, pensa Brownlee, que merda é essa. Cabe ao homem sobreviver, nem que seja mais uma hora, ou mesmo mais um minuto. O que mais há para fazer? Há barris de pão flutuando no porão, ele sabe, e de cerveja também, mas ninguém tem a força ou a habilidade necessárias para trazê-los. Se lhes tivesse restado mais tempo — mas foi um pandemônio no meio da escuridão. Quatro metros de água no porão e em quinze minutos o barco tinha afundado e apenas a proa de estibordo despontava acima das ondas revoltas. O'Neill está morto, mas seu sangue continua morno. O último homem lambe a palmilha e passa os dedos pelo lado interno do calcanhar. A cor é insólita. Tudo no mundo é cinza, preto ou marrom, mas não o sangue. É uma dádiva de Deus, pensa Brownlee. Ele diz em voz alta: *“É uma dádiva de Deus”*. Os homens o encaram. Ele se vira para o médico e lhe passa instruções. Sente o sangue de O'Neill em sua garganta e seu estômago, se alastrando por dentro, lhe trazendo mais vida. O médico faz uma sangria em cada um deles e depois em si mesmo. Alguns misturam seu próprio sangue com farinha para formar uma pasta, outros o bebem sofregamente direto do sapato, como bêbados. Não é pecado, ele diz a si mesmo, já não há pecado, há apenas sangue, água e gelo; há apenas vida, morte e os espaços cinza-esverdeados entre uma e outra. Ele não morrerá, repete consigo, não morrerá agora nem nunca. Quando tiver sede, beberá o próprio sangue; quando tiver fome, comerá a própria carne. O

banquete o deixará enorme, ele se expandirá até preencher o céu vazio.



Quando Black encontra Sumner, ele parece já estar morto. Seu corpo está encaixado na fenda estreita que separa dois blocos de gelo; sua cabeça e seus ombros estão para fora d'água, mas todo o resto está imerso. Seu rosto está branco como osso, exceto pelos lábios, azulados a ponto de não parecerem reais. Será que ele está respirando? Black se agacha para verificar, mas não consegue ter certeza — o vento está ruidoso demais e o gelo range e chia por todos os lados, ao sabor das ondas. A aparência geral do médico é a de algo sólido e congelado. Black prende a corda de arrastar focas em torno do peito de Sumner. Duvida que poderá arrastá-lo sozinho, mas tenta. Primeiro, puxa-o para o lado até desencaixá-lo da fenda, depois firma os calcanhares na neve e ergue-o com toda a força. O corpo endurecido e inerte de Sumner sobe com surpreendente facilidade, como se o mar tivesse chegado à conclusão de que, no fim das contas, não estava assim tão interessado nele. Black solta a corda, se inclina para a frente, agarra as dragonas encharcadas do casaco de Sumner e puxa o restante de seu corpo para cima da superfície do gelo. Vira o médico de lado e dá dois tapas em seu rosto. Sumner não reage. Black o golpeia com ainda mais força. Uma pálpebra tremula e abre.

“Meu Deus, você está vivo”, diz Black.

Dispara a espingarda para o alto duas vezes. Dez minutos depois, Otto chega com mais dois homens no time de resgate. Cada homem agarra um membro de Sumner e os quatro o carregam até o navio o mais rápido que podem. Expostas ao vento ártico, as roupas molhadas do médico congelaram e endureceram, o que lhes dá a sensação de estar transportando sobre o gelo um móvel pesado em vez de um ser humano. Quando chegam ao navio, Sumner é içado a bordo com o auxílio

de uma talha e deitado sobre o convés. Em pé a seu lado, Brownlee o observa.

“Esse pobre desgraçado ainda está mesmo respirando?”, pergunta.

Black faz sinal afirmativo. Brownlee balança a cabeça, incrédulo.

Carregam-no até a sala dos oficiais e recortam suas roupas congeladas com tesouras. Black põe mais carvão na estufa e manda o cozinheiro ferver água. Esfregam sua pele com gordura de ganso e o enrolam em toalhas escaldantes. Ele não se move nem fala: ainda está vivo, mas em coma. Black continua sempre a seu lado; os outros aparecem ocasionalmente para ficar olhando ou dar sugestões. Perto da meia-noite seus olhos piscam e se entreabrem por um breve momento e os homens lhe oferecem um gole de conhaque, que ele cospe de volta junto com uma bolota de sangue marrom-escuro. Ninguém espera que ele sobreviva até o fim da noite. Ao amanhecer, verificam que ainda respira e o transferem da sala dos oficiais para a sua própria cabine.

Quando volta a si, Sumner acredita durante algum tempo que está de novo na Índia, que está deitado em sua barraca úmida na encosta da montanha que assoma sobre Déli e que o barulho dos blocos de gelo se chocando contra a quilha do *Volunteer* é na verdade o barulho da artilharia se deslocando entre os bastiões e as tropas. Por um momento, é como se nada terrível ou irrevogável tivesse lhe acontecido, como se ele tivesse recebido, inacreditavelmente, uma segunda chance. Fecha os olhos e volta a dormir. Quando os abre uma hora depois, enxerga Black parado ao lado de sua cama, olhando de cima.

“Consegue falar?”, pergunta Black.

Sumner o encara por um instante e balança a cabeça, negando. Black o ajuda a sentar e começa a lhe dar na boca o caldo de carne que trouxe numa xícara. O gosto e o calor do caldo são esmagadores. Depois de duas colheradas, Sumner fecha a boca e deixa o líquido escorrer pelo queixo até o peito.

“Era para você estar morto”, diz Black. “Você ficou dentro

d'água por três horas. Um homem normal não sobrevive a um mergulho desses.”

A ponta do nariz de Sumner, bem como partes da sua face logo abaixo dos olhos, estão escurecidas por queimaduras de gelo. Sumner não se lembra do gelo, do frio nem da aterrorizante água esverdeada, mas lembra de olhar para cima, antes de seja lá o que tenha acontecido, e ver o céu tomado por um bilhão de flocos de neve.

“Láudano”, diz.

Lança um olhar cheio de esperança a Black.

“Está tentando dizer alguma coisa?”, pergunta Black, aproximando mais a cabeça.

“Láudano”, repete Sumner, “para a dor.”

Black assente com a cabeça e abre a maleta de remédios. Mistura o láudano com rum e ajuda Sumner a beber. O líquido queima a garganta de Sumner e por um instante ele pensa que vai vomitar, mas consegue segurar. O esforço de falar o deixou exausto e ele não sabe quem é nem onde está (já que com certeza não está na Índia). Sente fortes tremores e começa a chorar. Black o deita novamente na cama e o cobre com um cobertor de lã áspero.

Aquela noite, durante a ceia na sala dos oficiais, Black informa que o médico apresenta sinais de melhora.

“Ótimo”, diz Brownlee, “mas a partir de agora não haverá mais um sexto bote. Não quero a morte de mais um filho da mãe atormentando minha consciência.”

“Foi só azar”, diz Cavendish, fazendo pouco-caso. “Escorregar no gelo no meio de uma nevasca é normal, pode acontecer com qualquer um.”

“Se querem minha opinião, saiu barato pra ele”, diz Drax. “Era pra esse desgraçado ter morrido esmagado ou afogado. Depois de cair nessa água, em dez minutos o sangue empedra e o coração para de bater, mas o médico tá vivo, vai saber como. Foi abençoado.”

“*Abençoado?*”, diz Black.

Brownlee ergue a palma da mão.

“Abençoado ou não”, diz, “estou dizendo que não haverá mais um sexto bote. E enquanto nós marinheiros nos ocupamos dos peixes, o médico ficará protegido na sua cabine lendo seu Homero, mexendo na piroca ou seja lá o que fica fazendo lá dentro.”

Cavendish faz cara de impaciência.

“Pra alguns é fácil”, diz.

Brownlee fixa o olhar nele.

“O médico tem a função dele nesse navio, Cavendish, e você tem a sua. E a merda do assunto está encerrada.”

Drax e Cavendish se encontram de novo à meia-noite, durante a troca de vigia. Cavendish puxa o arpoador para um canto e olha em volta antes de falar.

“Pode ser que ainda morra”, diz. “Viu a aparência dele?”

“Já eu acho que ele é um desses filhos da puta que não se entregam tão fácil”, responde Drax.

“Ele tem o couro grosso, disso não há dúvida.”

“Você devia ter metido uma bala nele quando teve a chance.”

Cavendish balança a cabeça e espera que um *shetlander* passe por eles.

“Isso nunca teria colado”, diz. “Brownlee é todo querido com ele e Black também.”

Drax olha noutra direção enquanto acende o cachimbo. O céu acima está animado por estrelas inquietas; uma camada preto-azulada de gelo aderiu ao cordame e cobriu o convés.

“Quanto acha que vale o anel, afinal?”, pergunta Cavendish. “Eu diria uns vinte guinéus, ou até vinte e cinco, quem sabe.”

Drax balança a cabeça e torce o nariz, como se a questão fosse fútil demais para ele.

“O anel não te pertence”, diz.

“Não pertence a Sumner também. Eu diria que pertence ao desgraçado que está com as mãos nele.”

Drax se vira para Cavendish e assente.

“É mais ou menos por aí”, diz.

Dentro da cabine escura, embrulhado numa pilha grossa de peles

de urso e cobertores, Sumner, febril e frágil como um recém-nascido, dorme, acorda e volta a dormir. Enquanto o navio avança para noroeste enfrentando mares altos e atravessando nevoeiros e chuviscos com o casco revestido por meio metro de um gelo que também se acumula no convés e nas amuradas, de onde é retirado pelos marujos com o auxílio de espichas e marretas, a mente opiácea de Sumner se vê livre das amarras e flutua à deriva, balançando de um lado a outro, percorrendo fluidas paisagens oníricas que parecem tão temíveis e povoadas por formas de vida desconhecidas quanto as águas esverdeadas do Ártico que comprimem e golpeiam os trinta centímetros de madeira que as separa da cabeça do médico. Ele poderia estar em qualquer lugar, em qualquer época, mas seus pensamentos, como o ferro atraído por um ímã, retornam sempre ao mesmo local.

Um grande prédio amarelo do outro lado da quadra de tênis, o barulho assombroso e o fedor de carne e excrementos, lembrando um matadouro, como numa cena do inferno. Trinta ou mais padiolas chegando de hora em hora, cada uma trazendo, de uma só vez, três ou quatro mortos ou feridos. Cadáveres de jovens esfaqueados ou explodidos sendo despejados em galpões pestilentos. As contorções dos feridos e os berros dos moribundos. O barulho de membros amputados caindo em tinas de metal. O ruído incessante, como o de uma oficina ou serraria, do aço roendo os ossos. O piso molhado e grudento de sangue derramado, o calor inclemente, os baques surdos e os tremores causados pelos disparos de artilharia e as nuvens de moscas pretas em toda parte, pousando em cima de tudo, sem trégua ou distinção — olhos, ouvidos, bocas, feridas abertas. A imundície inacreditável daquilo tudo, os uivos e as súplicas, o sangue e a merda, e a dor, a dor interminável.

Sumner trabalha a manhã toda examinando, serrando, suturando, até ficar tonto de clorofórmio e nauseado com a carnificina generalizada. É muito pior do que tudo o que já conheceu ou imaginou. Homens que, como ele viu horas antes, estavam contando vantagem e dando risada no cume da

montanha, agora eram colocados diante dele em pedaços. Ele precisa cumprir seu dever, é o que diz a si mesmo, precisa trabalhar com dedicação. É o que é possível fazer agora, o que se poderia esperar de qualquer homem nessa situação. Assim como ele, os outros médicos assistentes — Wilkie e O'Dowd — estão encharcados de suor e mergulhados em sangue até os cotovelos. O término de uma cirurgia é o início de outra. Price, o servente, checa as padiolas à medida que vão chegando, descarta os que já morreram e passa os estropiados para uma fila de espera. Corbyn, o médico-chefe, decide quais membros precisam ser amputados imediatamente e quais podem ser salvos. Ele esteve com os Coldstream Guards em Inkerman, com uma espingarda numa das mãos e um bisturi na outra, dois mil mortos em dez horas. Está com sangue espirrado no bigode. Para aguentar o fedor, masca araruta. Isso aqui não é nada, diz para os outros; isso aqui é fichinha. Eles cortam, serram e escarafuncham atrás de balas de mosquete. Suam, praguejam e sentem vontade de vomitar por causa do calor. Os feridos gritam sem parar pedindo água, mas nunca há o bastante para matar a sede deles. A sede deles é obscena, as carências são intoleráveis, mas Sumner precisa atendê-las de toda maneira, precisa continuar fazendo o que faz até o limite de sua capacidade. Não possui tempo para sentir raiva, nojo ou medo, não possui tempo nem energia para nada que não seja o trabalho propriamente dito.

Ao fim da tarde, em torno das três ou quatro horas, o combate arrefece e o fluxo de vítimas primeiro diminui, depois cessa por completo. Rumores dizem que as tropas inglesas encontraram um grande depósito de bebidas perto do Portão de Lahore e se embriagaram, entrando em torpor coletivo. Seja qual for a razão, o avanço foi interrompido, pelo menos por enquanto, e pela primeira vez em muitas horas Corbyn e seus assistentes conseguem ter uma folga de suas funções. Mandam trazer cestos de comida e garrações de água, e uma parte dos feridos é transferida para os hospitais de seus regimentos no cume. Sumner, depois de se limpar do sangue e comer um prato de pão e carne fria, se deita numa *charpoy* e adormece. É despertado

pelo barulho de uma discussão violenta. Um homem de turbante apareceu na porta do hospital de campanha carregando uma criança ferida; está pedindo atendimento enquanto O'Dowd e Wilkie, aos berros, o recusam.

“Tirem ele daqui”, diz Wilkie, “antes que eu mesmo ponha uma bala na sua cabeça.”

O'Dowd pega um sabre no canto da sala e ameaça tirá-lo da bainha. O homem não sai do lugar. Corbyn se aproxima e pede a O'Dowd que se acalme. Examina a criança rapidamente e balança a cabeça.

“A ferida é grave demais”, diz. “O osso se espatifou. Ele não sobreviverá por muito tempo.”

“Você pode cortar fora”, insiste o homem.

“Quer um filho com uma perna só?”, pergunta Wilkie.

O homem não responde. Corbyn balança a cabeça outra vez.

“Não podemos ajudá-lo”, diz. “Esse hospital é somente para soldados.”

“Soldados britânicos”, diz Wilkie.

O homem não sai do lugar. O sangue da perna estraçalhada da criança pinga no chão que acabou de ser limpo. Nuvens de moscas ainda voejam ao redor da cabeça deles e de vez em quando um dos soldados feridos geme ou grita pedindo ajuda.

“Você não está ocupado”, o homem diz, olhando em volta. “Você tem tempo agora.”

“Não podemos ajudá-lo”, Corbyn repete. “É melhor você ir embora.”

“Não sou um sipaio”, diz o homem. “Meu nome é Hamid. Sou um empregado. Trabalho para Farook, o agiota.”

“Por que você ainda está na cidade? Por que não fugiu com os outros antes do início do ataque?”

“Preciso proteger a casa do meu patrão e tudo que está guardado nela.”

O'Dowd balança a cabeça e ri.

“É um mentiroso descarado”, diz. “Qualquer homem que ainda esteja na cidade é um traidor por definição e merece apenas ser enforcado.”